

Domingo, 7 de Dezembro de 1958

RUBEM BRAGA

## MONSENHOR CARO

QUANDO morre um cardeal é comum dizer que ele era venerado e querido pelos fiéis — mas no caso de monsenhor Caro isso não será uma convenção, mas uma verdade sentimental. Não é demais dizer que todo o Chile tinha o maior afeto por esse velhinho magro de cabelos brancos. Sua própria figura inspirava carinho. Aqui no Rio, por ocasião do Congresso Eucarístico, o povo aplaudia todos os príncipes da Igreja que desfilavam pela Avenida — mas quando ele surgiu, com seu ar humilde e espiritual, os aplausos dobraram de intensidade, numa espontânea demonstração de ternura pela sua figura venerável e delicada.

No Chile era tão benquisto das elites como da massa de povo. Nos piores momentos de conflitos políticos e sociais ele não se omitia; era um homem de espírito e de coragem que saía à rua para se encontrar fosse com quem fosse, e que sabia falar com a mesma humildade e a mesma firmeza ao poderoso irascível ou ao grevista exaltado.

Lembro-me a última vez que o vi, foi em uma recepção de 7 de setembro na Embaixada do Brasil. A certa altura a senhora do secretário Frazão, que fazia as honras da casa, notou que monsenhor Caro mantinha na mão, sem beber, seu copinho de «pisco sauer». Perguntou-lhe se não preferia tomar outra coisa, e ele lhe entregou o copo. Que preferia monsenhor, algum refresco, água mineral? Sorrindo, monsenhor Caro sussurrou: um uísque puro... E apontou o peito, como a dizer que aquilo lhe fazia bem às coronárias.

O remédio, naturalmente usado com moderação, não devia ser dos piores: monsenhor Caro foi chamado por Deus aos 92 anos...